

## Amadeu Amaral: História e trajetória intelectual

### Amadeu Amaral: History and intellectual trajectory

Grasiele Silva Amorim<sup>1</sup>

Daniel Marra<sup>2</sup>

**Resumo:** Mostra-se neste artigo a história e trajetória intelectual de Amadeu Amaral, expoente da literatura brasileira pré-modernista, enfatizando sua posição de destaque nas diversas instituições em que atuou e investigando o contexto sócio-histórico-intelectual que permitiu a emergência de seus estudos e das obras que produziu. Amaral teve importantes participações no cenário político nacional e no movimento modernista de 1922. Sua literatura se caracteriza, principalmente, por sua inserção nos estudos folclóricos, e seu passeio pela dialetologia garantiu-lhe um lugar de destaque entre os pesquisadores de sua época.

**Palavras-chave:** Amadeu Amaral, Trajetória Intelectual, Política, Folclore, Dialetologia

**Abstract:** This article shows the history and intellectual trajectory of Amadeu Amaral, an exponent of pre-modernist Brazilian literature, emphasizing his prominent position in the various institutions in which he worked and investigating the socio-historical-intellectual context that enabled the emergence of his studies and the works he produced. Amaral had important participations in the national political scene and in the modernist literary movement. His literature is mainly characterized by its insertion in folkloric studies, and his journey through dialectology guaranteed him a prominent place among the researchers of his time.

**Keywords:** Amadeu Amaral, Intellectual Trajectory, Politics, Folklore, Dialectology

Amadeu Ataliba Amaral Leite Penteado nasceu em 6 de novembro de 1875, mesmo ano em que o estado de São Paulo foi fundado. Viveu toda sua infância e estudou o curso primário em Capivari, sua cidade natal. O pai fundou, nos fundos de casa, a *Gazeta de Capivari*, de tendência republicana. A partir de então, foi dono de vários jornais em momentos distintos e em cidades diferentes. Amaral herdou do pai, conforme revela Damante (1949, p. 67), “o gosto pelos misteres de homem de jornal”.

Desse convívio com as letras, formou-se o poeta e escritor que, posteriormente, influenciaria os rumos da literatura de sua época. Influenciado pela carreira jornalística, em 1899, Amaral já trabalhava no Correio Paulistano, onde publicou “*Urzes*” – um livro de versos, obra que o consagrou como poeta, tornando-o um dos líderes paulistas das letras. Amaral se casou com Ercília Vaz do Amaral com quem teve quatro filhos.

No âmbito intelectual, destaca-se a trajetória de Amaral pelas diversas posições de destaque que ocupou nas instituições pelas quais passou. Com isso, este artigo posiciona esse autor em seu tempo e no

---

<sup>1</sup> Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins/IFTO, Porto Nacional, Tocantins, Brasil; mestre em estudos linguísticos pela UFT Porto Nacional; grasy-amorim@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins/IFTO, Palmas, Tocantins, Brasil; Doutor em Letras e Linguística pela UFG Goiânia GO; delmarra2004@hotmail.com

espírito da época que permitiu a emergência de sua vasta produção intelectual. Além de escrever para os jornais do pai, Amaral ingressou na Repartição de Polícia, ascendendo ao posto de Oficial de Gabinete; trabalhou no jornal *São Paulo* ao lado de um grupo de intelectuais, chegando ao cargo de diretor do jornal; em São Carlos, dedicou-se ao magistério primário em uma escola da cidade, ao mesmo tempo em que foi redator do *Correio de São Carlos* e dava aulas particulares. De todos esses trabalhos, Amaral exonerou-se. Talvez, o caso de maior destaque, foi quando ele abandonou o cargo de secretário da Comissão Diretora do Partido Republicano porque não quis ferir seus princípios ao ser solicitado a redigir um ofício com cujo teor não concordava (cf. Duarte, 1976).

Após suas frustrações em São Carlos (dentre as quais, destaca-se a malsucedida criação da Vila Hansen, destinada à assistência a leprosos que viviam abandonados), Amaral retornou a São Paulo para trabalhar no *Comércio de São Paulo*, jornal em que publicou vários artigos e crônicas: umas com tom de crítica; outras com teor político; algumas delas assinadas com o pseudônimo de “Maneco”. Depois de uma vasta e próspera produção, ele teve de se ausentar novamente de São Paulo para cuidar da saúde debilitada.

Na Revista “Queixoso”, produziu poesia satírica e humorística, mostrando-se versátil como escritor. Escreveu também, sua primeira obra em prosa, “Memórias de um passageiro de bonde”. Para a revista Brasil, que ajudou a fundar, colaborou com textos em prosa que resultaram nas obras “Espumas” (1917), “O Dialeto Caipira” (1920), “Letras Floridas” (1920), “O Elogio da Mediocridade” (1924), e “Tradições Populares” (1948), essa última publicada postumamente.

Amaral colaborou com diversos outros jornais e revistas do Brasil e teve alguns trabalhos de autoria não reconhecida pela falta de identificação. Também fez uso de diversos pseudônimos como Felício Trancoso, Carlos Pinto, Maneco, Yorick, AA e Y.

Amaral também apoiou a criação da Academia Paulista de Letras (APL), fundada em 27 de novembro de 1909, pelo médico Joaquim José de Carvalho e, mesmo não participando da solenidade de abertura, passou a ocupar a cadeira de número 33. É nesse período de autonomia intelectual que vivenciou dois fatos relevantes de sua biografia: a entrada para a redação de *O Estado de São Paulo* e a publicação do seu segundo livro de versos, *Névoa* (1902). Em 1918, seu amigo Olavo Bilac morreu e, um ano depois, Amaral o sucedeu na Academia Brasileira de Letras (ABL). Apesar da calorosa recepção nessa instituição, Amaral precisou se dedicar à campanha política em sua cidade natal e só pôde participar efetivamente da ABL em 1923.

Nesse ano, depois de já ter publicado quatro obras de prestígio: “A pulseira de ferro”, “um soneto de Bilac”, “Letras Floridas” e “O Dialeto Caipira”. Mudou-se para o Rio de Janeiro e trabalhou na Gazeta de Notícias, onde teve uma vasta produção, tornando-se secretário e, posteriormente, diretor, cargo que deixou por indisposições políticas. No ano seguinte, 1924, publicou três importantes obras: “O Elogio da

Mediocridade”, “Luís de Camões” e “Lâmpada Antiga”, o seu último livro de versos, tendo sido esse, de acordo com Duarte (1976), o período em que Amadeu mais se relacionou com a Academia Brasileira de Letras.

Na contramão da ascensão da ABL, a Academia Paulista de Letras quase desapareceu por falta de atividades, porém Amaral não mediu esforços para reavivá-la. Apesar de todos os seus esforços, seu nome praticamente não foi lembrado, nem mesmo nas cerimônias de celebrações e comemorações, salvo no dia da sua morte, em 24 de outubro de 1929, poucos dias antes de completar 54 anos, quando os devidos tributos foram prestados não só pela ABL e APL, como também, pela imprensa e associações das quais ele fazia parte.

Damante (1949) faz menção ao esquecimento do autor após sua morte, argumentando que, “Amadeu é uma figura apaixonante”. Mesmo assim, pouco mais de três lustros transcorridos desde a sua morte, um véu de esquecimento caíra sobre seu nome” (DAMANTE, 1949, p. 65). Certamente, esse esquecimento não resistiria ao tempo e o nome de Amaral seria referenciado em diversos trabalhos de linguística, literatura e folclore devido à importância de sua ampla produção intelectual.

Conforme evidenciado acima, a vida de Amadeu Amaral foi marcada pelo seu envolvimento, não só com o jornalismo e com a escrita de obras importantes, mas também com diversas outras áreas. Essa é, sem dúvida, uma forte característica dos intelectuais de sua geração, conforme assinala Orlandi (2001):

Os autores no século XIX, são também professores, escritores, historiadores ou jornalistas, ocupando assim uma dupla posição institucional. É, pois, de mais de um lugar que eles operam na produção dos efeitos de sentido da brasilidade [...] estas diferentes posições de autores significam implicitamente que a língua, a história, a literatura desempenham, a partir de um mesmo lugar, um papel na formação do Brasil” (ORLANDI, 2001, p. 28).

A busca por uma identidade nacional é fator marcante dessa época. Dentro do contexto histórico-social-ideológico que envolve a produção de Amaral, desenvolve-se aqui o argumento de que o autor está inserido em uma teia de relações, próprias de sua geração, que acaba por influenciar o modo como ele escreve e, por conseguinte, as circunstâncias em que sua principal obra, *O Dialeto Caipira*, emerge como um objeto de estudo do autor.

Alguns fatos marcantes da vida de Amadeu Amaral estão envoltos em seu posicionamento frente a um movimento marcante da literatura brasileira, o Modernismo. Apesar de não pertencer à geração de jovens modernistas, foi um grande influenciador e manteve um bom relacionamento com os participantes do movimento que ascendia mediante ao entusiasmo característico da juventude da época.

Além do seu comprometimento com os estudos folclóricos e dialetais que formaram a identidade nacional brasileira, esse intelectual submergiu também, no universo da política. Sua atuação nessa área

implica todo um sentimento de defesa do interior e, do sujeito caipira, evidenciando o principal foco dos seus estudos.

### **Amadeu Amaral e o movimento modernista de 1922**

O ano de 1922 foi um marco na vida de Amaral: a Semana de Arte Moderna provocou um turbilhão de acontecimentos e movimentações políticas, sociais e artísticas. Segundo Pagotto (2001, p. 53), “a redescoberta do Brasil pela literatura em 22 está associada à descoberta do Brasil por vários ramos do conhecimento, entre eles o linguístico”. Os jovens escritores se assumiram como agentes dessa ebulição e a geração anterior de intelectuais olhava à distância reagindo contra o movimento. Amaral acompanhava de perto esse movimento, esperando o momento certo para se posicionar. Quando finalmente se posicionou, assinalaria que “não convém deixar que as ideias caminhem sem acompanhá-las, ir-lhes ao fundo, verificar o que vales. Se são boas, devemos-lhes adesão. Se más, cumpre combatê-las” (AMARAL (1922) *apud* DUARTE, 1976, p. 117).

O posicionamento da ABL era contrário a qualquer influência modernista, salvo Graça Aranha, vítima de críticas dos colegas imortais por declarar laços com a modernidade. A maioria dos intelectuais que compunham a ABL julgava passageiro todo esse movimento, além de haver, entre eles, um receio de que nada deixaria de valor e que não passaria de um excesso de rebeldia.

Por mais “estranho, excessivo” que fosse o movimento moderno no Brasil, explodido, em S. Paulo no ano de 1922, por muito que parecesse condenado a “passar velozmente sob a reprovação e a indiferença do público sem ter produzido nada que se visse àquele momento, produziu na realidade, “algo” que, àquele momento, não se via: produziu essa “modificação indefinível, mas real da sensibilidade contemporânea” do Brasil, produziu uma insopitável “excitação de curiosidade num sentido dantes insuspeitável (DUARTE, 1976, p. 123-124).

Como toda nova tendência é rejeitada à primeira vista, é compreensível os acalorados comentários das gerações conservadoras, todavia, essa transição foi um momento que possibilitou várias reflexões. Amaral, por exemplo, escreveu críticas a algumas obras que se autointitulavam modernas, ora com um tom de elogio, ora de aconselhamento, dentre elas, “Jardim das Confidências”, de Ribeiro Couto, “Pauliceia Desvairada”, de Mario de Andrade e “Epigramas Irônicos e Sentimentais”, de Ronald de Carvalho, a quem Amaral denomina “moço cheio de talento e de legítimas aspirações” (DUARTE, 1976, p. 128). No entanto, a crítica daquele que, mesmo pertencendo à geração anterior, já havia compreendido o efervescente momento, era de que esses, perambulavam entre aspectos decadentes e atuais, entre o clássico e o moderno.

Nesse período, Amaral já não era tão jovem; como já dito, sentia a necessidade de acompanhar tudo o que ocorria nas artes da época, conforme destaca Duarte (1976): “Amadeu em vez de xingar, como os

outros, aplaudiu e disse: fez muito bem! E talvez pensasse: Pudessem eu fazer o mesmo concretamente, estaria ao lado deles (DUARTE, 1976, p. 133). Esta afirmação de Duarte corrobora o apoio de Amaral ao eminente movimento, o que não agradou seus contemporâneos. Por esse motivo, Menotti Del Picchia, utilizando o pseudônimo “Hélios”, produziu uma crônica em que criticava veementemente a posição de Amaral frente ao movimento moderno, saudando-o como “apóstata do parnasianismo” (DUARTE, 1976, p. 148), para se juntar ao “ismo” mais recente<sup>3</sup>. A réplica de Amaral vem em um artigo intitulado *Poesia velha, Poesia Nova, Poesia Eterna*, em que ele justifica que “o parnasianismo ia em franca decadência”, uma “simples e vulgar observação”. Nessa réplica, Amaral vai além do que seus críticos esperavam, quando afirma que não poderia ter abandonado o parnasianismo, visto que ele nunca se considerou um parnasiano.

Em defesa de Amaral, Duarte declara, que o autor não se encaixava em nenhuma escola, tão pouco, demonstrava preferências.

Amadeu na realidade nunca pertenceu a nenhuma escola. Com um pouco de análise poderia mesmo ser dado como um precursor dos modernos, embora ele repita sempre e reitere em *Poesia de Ontem e de Hoje* depois de frisar ainda uma vez, que nunca fizera profissão de fé parnasiana (DUARTE, 1976, p. 149).

É significativo destacar aqui, uma afirmação de Pagotto em relação ao que foi o movimento modernista, que dá pistas da não “profissão de fé parnasiana” de Amaral.

O modernismo de 22 foi um movimento que, entre outras coisas, recolocou a prática linguística brasileira, em oposição a uma prática linguística tradicional, a norma culta tal como fora codificada. Trata-se de um momento que um certo conjunto de valores com relação a língua é posto em xeque, procurando-se abrir a possibilidade do texto literário para o português falado no Brasil. O modernismo é visto, em consequência disto, como operando uma ruptura no cânone gramatical, operando, na literatura, um movimento de libertação com relação a qual língua escrever [...] o modernismo de 22 representa assim uma oportunidade interessante de verificar, não o discurso metalinguístico, mas a própria prática linguística, buscando romper com a tradição recém-estabelecida (PAGOTTO, 2001, p. 54).

O primeiro ponto que se quer destacar aqui, a partir da discussão de Pagotto, é a prática linguística brasileira – pois, neste trabalho, sustenta-se a ideia de que Amaral luta por uma nacionalidade por meio da escrita. O segundo ponto diz respeito a “possibilidade do texto literário para o português falado no Brasil” e a “ruptura no cânone gramatical”, ou seja, a adequação do que se escrevia à língua usual entre os brasileiros. Tendo em vista que Amaral estava envolvido com a questão do regionalismo, por estudar e conviver de perto com os habitantes do interior, seria contraditório voltar sua escrita para os moldes parnasianos que,

---

<sup>3</sup> Aborda-se a questão polêmica em que Amaral é considerado, por Menotti Del Picchia, “apóstata do Parnasianismo” com fundamento, apenas, nas palavras biográficas de Duarte. Os textos originais não foram encontrados para a realização de uma análise mais acurada da crítica ao autor, bem como da sua réplica.

dava importância à estética literária. O terceiro e último ponto sobre essa afirmação de Pagotto, que corrobora o entendimento do envolvimento de Amaral com o movimento em ascensão é o “discurso metalinguístico” versus a “prática linguística”, pelos quais Amaral coloca o caipira no centro e como foco dos seus estudos e seu olhar é voltado para a o dialeto em uso.

Em síntese, Amaral causou estranheza por pertencer a uma geração de intelectuais conservadores e apoiar o movimento modernista que ocasionou diversas mudanças na literatura, cultura e, conseqüentemente, na sociedade. Fatos como esse acentuam o espírito progressista de Amaral.

### **Amaral e a relação de “amor e ódio” com a política**

A vida política de Amaral, pouco citada pelos biógrafos, é parte não menos importante de sua trajetória. O envolvimento com a Liga Nacionalista e seus ideais, a veemente luta pelo Voto Secreto, a aversão ao Partido Republicano Paulista, a investigação jornalística sobre fraudes nas eleições em Capivari; bem como as duas candidaturas à deputado estadual merecem atenção e estudo, pois implicam todo um sentimento de defesa do interior e, do sujeito caipira, um dos focos dos estudos de Amaral.

O primeiro envolvimento político da vida de Amaral foi com a Liga Nacionalista de São Paulo, um tipo de ramificação regional da Liga de Defesa Nacional fundada em 1916, na cidade do Rio de Janeiro, por Olavo Bilac, cujo objetivo em relação a política era a valorização do ser humano. Segundo Mathieson (2013, p. 6), “a Liga Nacionalista teve importante suporte de divulgação de suas ideias [de Amaral], o que facilitou a sua visibilidade, pelo menos no tocante à classe média e à elite”.

A Liga Nacionalista, de cunho cívico-patriótico e dirigida por segmentos discordantes da elite paulista, contrapunha-se ao Partido Republicano Paulista, o PRP e defendia a democracia. Segundo Levi-Moreira (1989),

palavras como “regenerar”, “reforma”, “recuperar” tornaram-se frequentes em artigos e textos do período, o que evidencia, portanto, a preocupação com certas modificações, tidas como necessárias, para a manutenção do regime republicano-federativo (LEVI-MOREIRA, 1989, p. 69).

As necessárias modificações que comenta Levi-Moreira eram, justamente, as principais metas da LNSP: a erradicação do analfabetismo, a instauração do voto secreto e obrigatório e a instauração do serviço militar obrigatório, além do fortalecimento das instituições cujo intuito era o desenvolvimento social do país.

Dentre esses, destaca-se o interesse na difusão da instrução no país e o desenvolvimento da educação cívica e política do povo. A expansão da escola, em defesa da educação para todos visava as oportunidades sociais e a formação de um eleitorado de opinião, tendo em vista que a educação era vista como um

problema da sociedade e precisava, segundo os anseios da organização, ser o alicerce da democracia. Somente através da educação, garantida a todos, poderia ser construída uma nação consciente para votar e escolher o seu futuro, conforme corrobora Boto (1994):

Preâmbulo de uma efetiva organização partidária, a Liga teria uma nítida função pedagógica. A reconstrução nacional exigia, com urgência, um novo destaque da ética na esfera pública; mais do que isso, urgia uma completa reorganização de ordem partidária com vistas à obtenção da “maioridade política” do país. Tal empreendimento supunha uma nova consciência a ser formada no eleitorado, uma ampliação desse eleitorado... Daí a magnitude com que se considerava o problema da erradicação do analfabetismo (BOTO, 1994, p. 152).

Era consensual, percebe-se, a ideia de que por meio da educação se alcançaria todos os outros objetivos da LNSP. Nesse sentido, Mathieson (2013, p. 2) assinala que “a Liga almejava elevar o povo ao estatuto de cidadão para uma nova nação que se desejava criar” e que para isso “era necessário incorporar a população brasileira à sociedade e, com isso, afirmar a cultura brasileira”. Uma vez que o discurso racial vigente no Brasil nesse período, especificamente em São Paulo, era o do embranquecimento da população, apontando o negro e o mestiço (e os seus descendentes) como pessoas incapazes, o alvo principal da LNSP, portanto, era essa população marginalizada pela elite.

Nesse período Amaral já estava interessado em todas as questões que circundavam a vida do caipira, sujeito falante do dialeto estudado por ele. Certamente, a questão da educação está diretamente adstrita a esse dialeto, pois, o caipira não tinha acesso à educação e quando tinha, as condições eram precárias. Todos os embates em torno do tema civilização e evolução do caipira têm a educação como a solução para os problemas enfrentados pelos habitantes do interior. A luta de Amaral, enquanto sujeito político, em favor de melhorias na educação está intimamente ligada ao seu objeto de interesse de estudo. Amaral coaduna com o pensamento de alguns autores que retrataram o caipira, como Cornélio Pires e Hugo de Carvalho Ramos, para os quais, só por meio da educação o caipira, tão marginalizado e esquecido pelas autoridades, teria acesso aos bens da vida social promovidos pelo progresso do país.

Diante disso, Amaral, em um discurso de 1918, no ato de inauguração da Escola de Contabilidade e Ginásio “*Bernardino de Campos*”, nome escolhido pra homenagear um dos trabalhadores da reforma do ensino em São Paulo, afirmou: “uma das mais queridas aspirações dos homens adiantados de há trinta anos, era a que tendia para a difusão do ensino” (AMARAL, 1976b, p. 85). Nesse discurso, Amaral, um militante da criação de escolas técnicas cujo ensino fosse efetivo, acusa a República de falhar com a educação e ser incapaz de atacar de frente o problema da instrução popular. Para ele, não existiam ações, apenas artigos e discursos que não saiam do papel.

Outra luta em que Amaral se engajou foi pelo direito ao Voto Secreto, tema de interesse da LNSP, pois a educação seria uma preparação para o voto secreto, obrigatório e consciente, como destaca Boto (1995):

A escola apresenta-se como um grande mecanismo de regeneração da vida nacional; repositório das ansiosas expectativas de conferir ao eleitorado do país uma efetiva maioria cívica. A reforma, contraponto da revolução, seria a estratégia de viabilizar o âmbito institucional contra qualquer ameaça de ruptura. Medida de cunho estritamente político, a educação prepararia, por assim dizer, o território do voto secreto, obrigatório e universal (BOTO, 1994, p. 160).

Nesse período, o voto era voluntário, o povo recebia uma cédula de agentes dos candidatos ou dos próprios candidatos, na maioria das vezes coronéis, que tinham sob seu poder os títulos de eleitor e só os entregavam no ato da votação como forma de coagir aqueles que lhes deviam favores. Os cabos eleitorais percorriam terras distantes distribuindo envelopes, em que, junto com a cédula de votação, havia algum dinheiro, tornando o voto, moeda de troca. A esse tipo de voto, Amaral relacionava os fracassos do país, pois o poder se detinha nas mãos de uma minoria, que se considerava dona do tesouro, dos cargos, dos empregos, e senhor da força pública e, quando donos do poder, não lançava o olhar para as minorias.

Com a desejada reforma do sistema de votação, Amaral idealizava o aumento do número de votantes e a diminuição das fraudes, no sentido de proibir a distribuição de cédulas e a organização da votação de forma que o eleitor pudesse escolher seus representantes, isolados em cabines, sem nenhum tipo de coação. Amaral argumenta que somente assim seria possível recuperar a dignidade do eleitor:

teremos representantes legítimos da vontade popular, teremos fiscalização das funções públicas, teremos um regime claro de opinião, de posições definidas, de ideias francas, de aspiração corajosa, de cooperação livre, de estudo, de debate, de esforço, de entusiasmo (AMARAL, 1976b, p. 72).

Contrariamente à personalidade de um homem que precisou lidar diretamente com o embate público por transformações na estrutura política e social do país, Duarte (1976) destaca “seu temperamento arredio e tímido”. Não obstante ao temperamento, e devido a suas convicções, candidatou-se a deputado estadual por duas vezes, pelo partido Republicano, uma em 1922 e a outra em 1928, não sendo eleito em nenhuma delas.

O sentimento contraditório de entusiasmo e pessimismo é patente, pois ele declara: “os meus sentimentos cívicos me empõem a trabalhar com energia e a querer com força a vitória, mas o meu temperamento e a minha experiência da vida quase que anseiam secretamente pelo resultado oposto” (AMARAL, 1976b, p. 220).

Em síntese, percebe-se que Amaral era um homem preocupado com as causas populares e se opunha aos interesses egoístas dos poderosos que afetavam as minorias. Damante (1949) retrata esse momento, pós-



derrota, vivido por Amaral com selecionadas palavras de teor literário: “colheu, como era natural, o que um homem de seu feitio devia colher em seara tal, decepções e tristezas. Voltou com as asas do idealismo imaculadas, mas com o peito sangrando...” (DAMANTE, 1949, p. 87).

Apesar de todos os acontecimentos políticos, inclusive as derrotas nas urnas, Amaral continuou dedicado aos seus ideais e aos estudos nas mais diversas áreas que circundam o universo caipira, ademais, se dedicou aos estudos folclóricos, aprofundando-se nas lendas, nos provérbios e nas manifestações artísticas como a poesia da viola e outras, conforme será apresentado a seguir.

### **Amaral e sua imersão nos estudos folclóricos**

O autor de *O dialeto caipira* também se dedicou aos estudos folclóricos no Brasil, isto é, às tradições populares. Segundo Duarte (1976), o interesse pelo folclore surgiu a partir dos estudos que fez sobre o dialeto caipira. Duarte explica que, por volta de 1916, à medida que Amaral começou a se interessar pelo folclore, os primeiros capítulos de *O dialeto caipira* começaram a surgir na Revista do Brasil. Até então, as lendas brasileiras eram usadas somente na literatura e, por esse motivo, Amaral idealizou uma pesquisa sistemática e metódica desses temas no campo sociológico. Segundo Duarte, “o folclore seria mais tarde o seu refúgio espiritual quando deixou definitivamente de fazer versos” (DUARTE, 1976, p. 39).

Amaral demonstrou profunda insatisfação relativamente aos estudos já realizados no campo do folclore, desde o último quarto do século XIX, devido ao que considerava “erros” que, segundo ele, os folcloristas até o momento cometiam. Amaral atribuía a isso o não reconhecimento científico desse campo de estudos<sup>4</sup>. Tais erros diziam respeito ao envolvimento sentimental dos pesquisadores, ao excesso de teorização infundada, baseadas em achismos, ao apego aos materiais coletados e à não análise deles. O autor considerava de extrema relevância a união do folclore com a ciência para garantir a esses estudos o *status* de verdade. A queixa de Amaral se evidencia quando ele diz que “é preciso estudar esses assuntos com um pouco menos de imaginação e sentimento e um pouco mais de objetividade, menos literatura e mais documentação” (AMARAL, 1976c, p. 9). Sua queixa metodológica é expressa ao mesmo tempo em que ele faz recomendações acerca desse objeto de estudo:

Tratemos, antes de tudo, de *observar* seriamente, pacientemente, os costumes, ritos usanças do povo, sua linguagem, sua música, a vida dos núcleos populosos urbanos e rurais e das

---

<sup>4</sup> Inegável é o papel do rigor metodológico para o estabelecimento e desenvolvimentos de campos de estudos. Decorrente disso, são evidentes as preocupações com o método científico entre autores que viviam e desenvolviam suas pesquisas num período marcadamente positivista. Não obstante a isso, muitas são as discussões a respeito do caráter e critério de cientificidade aplicado às ciências humanas e sociais. Aurox (1992), por exemplo, entende a cientificidade como um mito, que dentre os expandidos pela historiografia das ciências da linguagem tal como foi estabelecido no século XIX, é o mais prejudicial para a compreensão do papel desses estudos no que diz respeito ao desenvolvimento cultural da humanidade.

populações esparsas, *coletando* com o mais rigoroso cuidado as expressões tradicionais e coletivas ligadas a tais costumes, ritos, usanças etc. *Marquem-se* escrupulosamente as regiões, os lugares, as épocas em que foram colhidos esses materiais; *respeite-se-lhes* a forma tal qual ela se oferece, com suas variantes, *ajuntem-se-lhes* quanto possível as ideias, crenças e práticas que os motivam que os acompanham e os explicam (AMARAL, 1976c, p. 9, grifos nossos).

Essa citação é significativa, pois põe ênfase na forma como Amaral compreendia a noção de cientificidade que, para ele, está ligada à metodologia empregada nas pesquisas, seja ela dialetológica ou folclórica. Prova disso é a sequência metodológica presente nessas orientações. Tem-se nas palavras destacadas um passo a passo para a realização de um estudo folclórico: observação séria, coleta de dados com rigoroso cuidado, mapeamento das regiões e épocas, respeito à forma e ajuntamento de todos os fatores explicativos. Todos esses fatores, acrescidos à objetividade e à documentação, garantiriam aos estudos folclóricos o caráter de cientificidade.

Sobre essas produções relacionadas ao folclore no Brasil, Duarte (1976) assinala:

O folclore era tido até então como simples matéria-prima de literatura, muitas vezes de má literatura. Ninguém, salvo um punhadinho de homens lúcidos, encarava a nossa poesia popular, as histórias e brincos infantis, as parlendas, os rifões, as frases feitas, as adivinhas, como objeto de estudo aprofundado, despido de qualquer fantasia ou laivo de imaginação, para conhecimento da psique ou da alma coletiva brasileira (DUARTE, 1976, p. 32).

Reforça-se que a visão de Amaral era nacionalista e, por conseguinte, seu esforço em marcar uma identidade por meio do folclore se baseava em sua insatisfação pela falta de prestígio dessas culturas tão brasileiras. Esse descontentamento o levou a chamar a atenção da Academia Brasileira de Letras para o campo fértil do folclore na tentativa de fundar uma Sociedade Demológica em São Paulo. Com a finalidade de convencer os “imortais” da pertinência do seu projeto ele proferiu um discurso em sessão extraordinária na ABL, com o título “Folclore e Dialetologia”, em que deu destaque à importância da criação de uma instituição com foco nas pesquisas folcloristas, visto que esses estudos estavam discretamente se expandindo. Nesse discurso, Amaral apresentou os objetivos e as metas da instituição almejada, além de um plano para o funcionamento da entidade, que ele denomina de “uma tarefa a executar”<sup>5</sup>. Esse plano foi publicado no jornal O Estado de São Paulo em 1925 e inserido em “Tradições Populares” (1976 [p. 27 a 38]).

Nesse projeto, a tarefa principal seria a de “intensificar os estudos do folclore e lhes imprimir uma orientação mais séria, mais metódica e mais fecunda, afastando-os dessa atmosfera de “curiosidade vaga” de

---

<sup>5</sup> “Uma Tarefa a Executar” é também o título de um discurso proferido por Amaral à Academia Brasileira de Letras em 23 de abril de 1925, também, publicado em O Estado de São Paulo, em 15 de maio de 1925. V. p. 19.

“divisão inócua” e de “sentimentalismo convencional” (FERREIRA, 2007, p. 116). Sobre essa aspiração, Arantes (1930) comenta:

Esse, sim; esse foi o grande sonho de Amadeu Amaral; essa a suprema aspiração de toda a sua carreira. Ninguém, com efeito, mais do que ele sentia, lamentava e exprobrava a ausência, em nossas letras, de um "sentido social", de um "ideal coletivo" que viesse arrancar o Brasil a esse "beco de expectativas e de hesitações, onde estava sonolentemente parado, sem um estremecimento de desejo, de esperança ou de revolta" (ARANTES, 1930, p. 10).

Percebe-se que o intuito de Amaral não era apenas a adesão dos colegas da ABL ao seu projeto, mas o entendimento da importância desses estudos para a compreensão da sociedade brasileira. Depois de um silêncio de mais ou menos cinco meses a Academia se posicionou favorável ao projeto. Um projeto que jamais foi levado adiante.

Embora Amaral não se considerasse um folclorista, é possível que seus leitores da época e da atualidade encontrem em sua escrita traços de alguém com arraigada formação nesse campo. Consoante Duarte (1976, p. 152), Amaral “refugiou-se na pesquisa folclórica, esta, sim bem dentro de seu espírito sempre moço e do espírito moderno, inquieto, meio trapalhão, mas tão cheio de curiosidade e avesso à rotina”. Percebe-se, nesta afirmação, a transição que Amaral faz da poesia para esse campo de pesquisa e demonstra a versatilidade do autor, característica dos intelectuais de sua época.

Tamanha foi a importância desse tema para Amaral que os últimos dias de sua vida foram dedicados à pesquisa sobre o folclore brasileiro e à sua divulgação entre os novos pesquisadores. Por outro lado, o autor sentia-se renegado ao passado e impossibilitado, pela discrepância de idade, de pertencer completamente ao movimento em ascensão: o modernismo.

Por mais que Amaral não imaginasse deixar um legado, deixou um plano de trabalho pretensamente elaborado que, serviria de orientação para os futuros folcloristas. Parte desse plano diz respeito a questões metodológicas para a coleta dos gêneros relacionados às tradições populares. O plano completo está inserido na obra “Tradições Populares”, com extensas recomendações de um apaixonado por cultura popular e pelo Brasil. Sua última nota sobre esse assunto foi publicada em O Estado de São Paulo, em maio de 1929, com o título “A poesia popular de São Paulo”.

Evidentemente, Amaral cercou-se do universo caipira quando se dedicou aos estudos folclóricos que permeavam a vida do habitante do interior nas diversas tradições populares; não obstante, envolveu-se na vida política com o intuito de defender os direitos da população desfavorecida, que incluía o homem do interior, o caipira, buscando, por meio da educação, sua inserção na sociedade.

Foi possível observar que, o fato desse autor se aprofundar em várias áreas de conhecimento, comprova seu interesse pela variedade linguística regional e que, além de gozar de grande prestígio

acadêmico e intelectual, fez uso da influência que tinha para defender as tradições da comunidade caipira e reivindicar melhores condições de vida para esse grupo social.

A seguir, descreve-se a respeito de sua inserção no ramo da dialetologia. Adverte-se o leitor que a sequência das relações de Amaral com os diversos estudos realizados encontra-se neste trabalho de forma atemporal.

### **Amaral e sua incursão nos estudos dialetológicos**

É notória a importância que a principal obra de Amaral, *O Dialeto Caipira*, ganhou, nas décadas subsequentes, a sua publicação para os estudos que se ocupam da descrição do português brasileiro. Nessa obra, o autor descreve com rigor de detalhes características marcantes que o português brasileiro ganhou através da fala caipira.

No período que Amaral se debruçou sobre essa área de pesquisa havia poucos trabalhos de referência no Brasil<sup>6</sup>, poucos colaboradores da pesquisa e enormes desafios, como a distância a ser percorrida e a falta de recursos tecnológicos, entraves que tiveram que ser superados para que essa obra fosse concretizada. Segundo Duarte (1976), os poucos trabalhos que antecedem o estudo de Amaral focavam somente no léxico do Português do Brasil; o estudo de Amaral, todavia, é mais amplo, englobando, além do léxico a fonética, a morfologia e a sintaxe; mais que isso, a inovação que se atribui a esse estudo está principalmente relacionada ao fato de Amaral pôr em evidência uma variante do português desprestigiada socialmente.

Sobre a ousadia de Amaral visualizar um estudo científico sobre o falar caipira, Paulo Duarte, no prefácio dessa obra, declarou:

o falar errado do caipira servia de pretexto apenas para uma literatura leve, de interesse recreativo. Estudá-lo, entretanto, à luz da linguística, analisar as suas deformações, espalhar-lhe o vocabulário sistematicamente, investigando-o, perscrutando-o não passava pela cabeça de ninguém (AMARAL, 1976a, p. 21).

Grande era o desafio, mas, certamente, claro era o objetivo de Amaral de dar destaque a um aspecto da identidade linguística nacional. Sobre essas questões, Ferreira (2007) assinala:

---

<sup>6</sup> O trabalho de Amaral é considerado inovador no Brasil, porém vários autores europeus já haviam realizado trabalhos semelhantes. Hugo Ernest Mario Schuchardt (1842-1927) ainda no século XIX defendia singularidade das palavras e que o pesquisador deveria, ao estudar os vários aspectos da mesma palavra, contar suas histórias individuais, evidenciando as variantes regionais e pondo em destaque o significado. As determinações de Schuchardt foram fundamentais para os estudos dialetológicos e linguístico-geográficos. A Geografia Linguística é um campo de conhecimento linguístico cujos primeiros estudos remontam a Georg Wenker (1852-1911), final do século XIX, na Alemanha. O foco dos esforços de Wenker estava na rica variação que caracterizava a língua alemã. No domínio da língua francesa, destacam-se os estudos do o suíço Jules Gilliéron (1854-1956), que, no ano de 1896, organizou e dirigiu o projeto que resultou na publicação do *Atlas Linguistique de la France*, entre os anos 1902 e 1910 (Cf. MARRA DA SILVA, 2009).

Especificamente no Brasil, quando os intelectuais em geral pensam sobre uma identidade, seja nacional ou regional, sempre houve o desafio primaz de “resolver” a questão da diversidade presente no “povo brasileiro”. Em terras brasileiras, as diversidades culturais, econômicas, políticas, religiosas e “raciais” sempre foram vistas pelos intelectuais como um problema a ser enfrentado (FERREIRA, 2007, p. 56).

Nesse sentido, Amaral apresenta-se como um estudioso que não via a diversidade como um problema a ser resolvido, ou banido. Pelo contrário, como fez com o dialeto caipira, deu destaque a diversidade linguística como algo constitutivo da identidade linguística nacional. Isso é muito significativo, pois coloca o pensamento de Amaral sobre as ideias linguísticas do Brasil na origem dos debates em torno da cultura e dos falares brasileiros.

Segundo Duarte, dessas investigações dialetais, além de *O Dialeto Caipira*, foram encontrados estudos incompletos de uma possível coleção que seria chamada de “Estudos Brasileiros”, dividida em três partes: cancionero, geografia do dialeto brasileiro e dialeto caipira. Seria um estudo expandido da variedade brasileira estudada por Amaral, que se perderam e o esforço de Paulo Duarte na tentativa de reuni-los foi vão. Conforme ressalta Duarte, o que restou do muito que Amaral produziu está nas obras *O Dialeto Caipira* e *Tradições Populares*. Inclusive, na percepção de Duarte, era intenção de Amaral publicar uma 2ª edição dessa primeira obra: “A primeira edição, Amadeu considerava-a como um rascunho do seu trabalho, tanto que nunca deixou de coligir material, cuja maior e talvez melhor parte, entretanto, se perdeu com a dispersão de seus papéis, depois de sua morte, em 1929” (AMARAL, 1976a, p. 24).

Na leitura de *O Dialeto Caipira*, nota-se toda uma preocupação de Amaral em descrever essa variedade regional de forma a singularizá-la. Altino Arantes (1930) reconhece a importância desses estudos e da forma como Amaral conseguiu, em suas observações do caipira, extrair o que vai além do falar e de desígnios apenas literários.

As suas pacientes investigações, os seus acurados estudos sobre o dialeto e sobre o "folk-lore" caipiras, não obedecem somente a preocupações de ordem glotológica ou filológica; visam, por igual, escopos literários e artísticos - quais os de adentrar a mentalidade recôndita e esquiva dos nossos caboclos: de auscultar-lhe as íntimas pulsações; de extrair desse filão riquíssimo, que dorme escondido no "saber popular", os materiais capazes de contribuir para a sólida construção de uma legítima e bem definida literatura nacional (ARANTES, 1930, p. 9).

Observando essa obra, percebe-se que o autor chama a atenção para a influência que o caipira exercia sobre o falar de São Paulo, até mesmo sobre as “minorias cultas”. “Ao tempo em que o célebre falar paulista reinava sem contraste sensível, o *caipirismo* não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana” (AMARAL, 1976a, p. 41). As causas dessa transformação,

segundo Amaral, são o afastamento dos negros da população branca, que propiciou uma diferenciação dialetal, e o isolamento também daqueles que comumente eram chamados de “caipiras, roceiros, ignorantes e atrasados”. O resultado de toda essa modificação foi o “acantonamento”, dos caipiras em pequenas localidades que não acompanharam essa ascensão.

Já nas primeiras páginas de *O Dialeto Caipira*, Amaral exprime o desejo de expansão dessa pesquisa, demonstrando prudência ao pedir um cuidado maior para não haver generalizações e fatos recolhidos a todo preço. “Só então se saberia com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos brasileiros, quantos e quais os subdialetos, o grau de vitalidade, as ramificações, o domínio geográfico de cada um” (AMARAL, 1976a, p. 44). Percebe-se aqui o que foi comentado por Duarte sobre o interesse de Amaral em fazer um mapeamento do dialeto brasileiro em uma obra mais ampla. O autor demonstra o desejo de ter seus estudos aprimorados pelas gerações que o sucederia e deixa longas instruções nessa obra com minuciosos critérios metodológicos para as pesquisas posteriores.

Ao organizar o vocabulário do dialeto caipira, Amaral se destaca por seguir à risca o método que recomendou aos futuros pesquisadores e apesar de algumas imperfeições, apontadas por Duarte (1976), preocupou-se em registrar apenas os termos confirmados por mais de duas ratificações. Conforme Duarte (1976, p. 86), “mesmo os vocábulos que encontrou em escritos literários, não passara para o vocabulário senão aqueles confirmados depois, ou pela sua observação direta ou por reiteradas provas de outras fontes”.

Relativamente aos estudos que representam o caipira, Amaral se posiciona em tom de crítica, “sem objetivo, sem método e sem seguimento; ora por simples literatura” (AMARAL, 1976c, p. 3). Além disso, acrescenta que a forma como os autores colocam as tradições e a poesia popular, “fornece abundante matéria para divagações e fantasias”. A falta de uma investigação acurada é o motivo apontado por Amaral para que os escritos regionalistas não fossem fidedignos à realidade.

O autor chama essa produção regionalista da época de vaga, esparsa e de pequena contribuição:

Em S. Paulo, além de uma vaga recente literatura mais ou menos regionalista, rica de côr local, em que desigualmente se destacam os nomes de Valdomiro Silveira, Monteiro Lobato, Cornélio Pires, Leôncio de Oliveira, Otoniel Mota, Benedicto Otávio, Paulo Setúbal, Cezidio Ambrogi e outros, pouco mais há do que pequenas contribuições em limitados departamentos da matéria em questão; de Valdomiro Silveira, uma interessante, mas infelizmente curta conferência sobre a poesia da roça; de Cornélio Pires, muitas modas e trovas esparsas, coligidas no interior, junto a bom número de notas sobre costumes, também esparsas pelos seus livros (AMARAL, 1976c, p. 2).

Para Amaral, estudos que representassem o habitante do interior e tudo o que envolve o seu modo de vida e tradições não deveriam ser pautados em uma visão lisonjeira ou pejorativa, mas desejava que o observador se libertasse de “ideias preconcebidas, dispondo-se a examinar cada caso como se nunca tivesse

pensado coisa alguma a respeito” (AMARAL, 1976c, p. 3). No entanto, apesar de todo o prestígio que seu trabalho lhe concedeu, Duarte (1976, p. 155), lamenta que que “as gerações novas desconhecem-no”.

Evidentemente, o tempo tratou de corrigir essa injustiça e, na atualidade, Amaral tem sido referência de muitos trabalhos: cita-se, como exemplo, Ceschin (1999), que retoma algumas referências na literatura sobre a sociedade caipira e sua linguagem, especialmente Amaral; Anjos (2009), que faz uma análise de dois textos precursores da dialetologia brasileira: *O Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral e *Linguajar Carioca* de Antenor Nascentes; Garcia (2009), com o *estudo de formação e expansão do dialeto caipira em Capivari*; Picinato (2013), que aborda “*O novo ‘caipira’: o olhar do ‘eu’ e do ‘outro’*”; Castro (2006), em “*A Resistência de Traços do Dialeto Caipira: Estudo com Base em Atlas Lingüísticos Regionais Brasileiros*”; Ferraz (2005), com “*Características fonético-acústicas do /r/ retroflexo do português brasileiro: dados de informantes de pato branco (PR)*”; Leite (2010), com “*O /r/ em posição de coda silábica na capital do interior paulista: uma abordagem sociolinguística*”. Há também quem tome Amaral como referência para a abordagem, não apenas linguística, mas também, histórica como no trabalho de Ferreira (2018), “*Memória, política e folclore na obra de Amadeu Amaral entre 1916 e 1928*”, dentre tantos outros. Estes são alguns exemplos de que o trabalho de Amaral continua sendo uma referência na historiografia da linguística e dos estudos culturais brasileiros.

## **Considerações finais**

Este estudo colocou em evidência o sujeito Amadeu Amaral, um intelectual de grande importância do período pré-modernista. Amaral escreveu poesias, ensaios e se aprofundou na pesquisa folclórica e dialetal como forma de marcar uma identidade nacional brasileira. Ao mostrar a história e trajetória desse autor, buscou-se aqui localizá-lo em seu espaço-tempo e compreender as motivações que o fizeram transitar por diversos campos do conhecimento. Evidentemente, o contexto intelectual de que ele se cercou contribuiu para o desenvolvimento de suas ideias, sejam elas em relação à política, à literatura, ao folclore ou à dialetologia emergente do início do século XX.

A investigação mostrou que foram suas pesquisas a respeito do folclore que influenciaram suas investigações sobre o dialeto caipira. O lugar proeminente que possuía na vida social, bem como seus ideais e posicionamento políticos, permitiram-lhe olhar para uma parcela da população que vivia à margem da sociedade, com um olhar de cuidado e também investigativo. Por meio da política, pôde se empenhar em favor dos habitantes do interior, alertando para o estado de precariedade em que o caipira estava envolto. Também pôde enfatizar a educação como única forma de ascensão social para esse sujeito que vivia às margens.

Não obstante, os estudos folclóricos possibilitaram uma imersão desse pesquisador no universo de tradições populares caipiras, suas crenças, usanças, gestos que acabam por se refletir na variedade dialetal, pois como o próprio Amaral afirma, é “impossível decifrar muitas alusões, ideias e formas encontradas nos contos, versos, dizeres populares, sem conhecimento das crenças e crendices, das usanças e práticas do povo” (Amaral, 1976c, p. 10). E, por fim, os estudos dialetais garantiram-lhe um lugar de destaque. A partir dos documentos analisados, foi possível entender o motivo pelo qual Amaral se sobressaiu aos demais dialetólogos de sua época, devido a seu rigor metodológico e a minuciosa descrição dialetal que confere a sua pesquisa um caráter científico, abrindo caminho para estudos posteriores.

Por meio da memória e história de Amaral, foi possível entender o espírito de época e compreender que o contexto intelectual de que ele se cercou contribuiu para o desenvolvimento das suas ideias linguísticas. É importante destacar que além de assuntos relacionados à vida e à produção científica desse autor foi possível depreender, a partir dos fatos discursivos, que ele foi reconhecido por grande parte dos intelectuais de sua época como expoente da literatura.

## Referências

AMARAL, A. **Ditadura e Democracia**. 1922, texto inédito.

\_\_\_\_\_. **O Dialeto Caipira Gramática - Vocabulário**. 3ª ed. [s.l.] HUCITEC, Secretaria de Cultura e Tecnologia, 1976a.

\_\_\_\_\_. **Política Humana**. São Paulo: HUCITEC, Secretaria de Cultura e Tecnologia, 1976b.

\_\_\_\_\_. **Tradições Populares**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, Secretaria de Cultura e Tecnologia, 1976c.

ANJOS, S. F. DOS. **Dois textos precursores dos estudos dialetais brasileiros: O Dialeto Caipira e O Linguajar Carioca**. Universidade Federal Fluminense, 2009. Disponível em: <[http://www.bdt.d.ndc.uff.br/tde\\_arquivos/23/TDE-2010-08-23T090356Z-2603/Publico/Dissertacao%20da%20Silvana.pdf](http://www.bdt.d.ndc.uff.br/tde_arquivos/23/TDE-2010-08-23T090356Z-2603/Publico/Dissertacao%20da%20Silvana.pdf)>. Acesso em: 1 fev. 2018

ARANTES, A. **Discurso de Posse do Sr. Altino Arantes como sucessor de Amadeu Amaral**. Academia Paulista de Letras, 23 set. 1930. Disponível em: <<https://www.academiapaulistadeletras.org.br/discursos.asp?materia=1122>>. Acesso em: 18 maio. 2018

BOTO, C. Nacionalidade, escola e voto: A Liga Nacionalista de São Paulo. p. 145–163, 1995 1994.

DAMANTE, H. **Perfil de Amadeu Amaral**. São Paulo: Departamento de Cultura - Divisão do Arquivo Municipal, 1949.

DUARTE, P. **Amadeu Amaral**. São Paulo: HUCITEC, Secretaria de Cultura e Tecnologia, 1976.



FERREIRA, L. DA C. **Memória, Política e Folclore na obra de Amadeu Amaral entre 1916 e 1928**, 2007. Disponível em: <[www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2007\\_FERREIRA\\_Leonardo\\_da\\_Costa-S.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2007_FERREIRA_Leonardo_da_Costa-S.pdf)>. Acesso em: 1 mar. 2018

LEVI-MOREIRA, S. **Ideologia e atuação da Liga Nacionalista de São Paulo (1917- 1924)**. Revista de história, São Paulo, n. 116, 1984. p. 67-74. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/61361>> acesso em 22 de agosto de 2019).

MATHIESON, L. C. **A formação do cidadão republicano e o projeto político-pedagógico da Liga Nacionalista de São Paulo**. XXVII Simpósio Nacional de história: conhecimento histórico e diálogo social. ANPUH-Brasil, Natal, 2013.

MATTOS e SILVA R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. Ática, São Paulo, 2004.

ORLANDI, E. P. **História das Ideias Linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional** / organizadora: Eni P. Orlandi. - Campinas, SP: Pontes; Cárceres, MT: Unemat Editora, 2001.

PAGOTTO, E. G., **Gramatização e Normatização: Entre o Discurso Polêmico e o Científico**. In: História das Ideias Linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional / organizadora: Eni P. Orlandi. - Campinas, SP: Pontes; Cárceres, MT: Unemat Editora, 2001, p. 39-57.

PICINATO, B. P. **O NOVO “CAIPIRA”: o olhar do “eu” e do “outro”**, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara - SP, 2013.

SILVA, D. M. **Origem e desenvolvimento das ideias linguísticas de Wiliam Labov** [manuscrito]. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2009.

SILVA, D. M. **Whitney, Saussure, Meillet e Labov: implicações metodológicas e conceituais da noção de língua como um fato social para os estudos linguísticos**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2012.

TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Linguística**. Tradução: ILARI, R; revisão técnica: KOCH, I. V. 3 ed. - São Paulo: Contexto, 2011

XAVIER, V. B. **“Os Brasis de Monteiro Lobato: de Jeca Tatu ao desencantamento”**. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR, Curitiba, 2010.

Recebido em 29/06/20 aceito para publicação em 16/02/22.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.